

A ERA DOS GIGANTES

Contos e Poemas



ORGANIZADOR: ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-02-17741-9

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

GIGANTE NO SEU CORAÇÃO, POR AMANDA BARRETO MEIRELLES DO NASCIMENTO, PÁG. 05

O COLOSSO DO MADEIRA, POR ANA ALVES, PÁG. 07

FÉ EM SONETO, POR ISABEL BOEIRA, PÁG. 11

GIGANTES DO MAL, POR SELMA LUANNY, PÁG. 13

KING KONG, POR SELMA LUANNY, PÁG. 15

A FORMIGA E O ELEFANTE, POR SOPHIÉN, PÁG. 17

O ESCÂNDALO - NA ERA DOS GIGANTES, POR SOPHIÉN, PÁG. 20

O NÓS - UM GIGANTE INVISÍVEL, POR SOPHIÉN, PÁG. 25

ENTRE IR OU FICAR, POR SOPHIÉN, PÁG. 30

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 34



A ERA DOS GIGANTES

The background of the poster is a dramatic, apocalyptic city scene. Two massive, muscular, and hairy creatures, resembling giant gorillas or apes, stand in the center. The creature on the left has long, shaggy hair and a beard, while the one on the right is bald and has a more muscular, scarred appearance. They both have intense, angry expressions. The city below them is in flames, with buildings on fire and people running in panic. In the sky, there are jets firing missiles. The overall color palette is dominated by oranges, yellows, and greys, creating a sense of chaos and destruction.

APRESENTAMOS

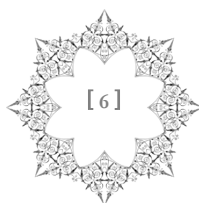
GIGANTE NO SEU CORAÇÃO POR AMANDA BARRETO MEIRELLES DO NASCIMENTO

Advogada, Mestra em Direito, Governança e Políticas Públicas pela Universidade Salvador (UNIFACS), Especialista em Direito e Magistratura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Dizem que sou gigante
Em muitas áreas da vida
Não tenho vaidade
Quando falam isso

Nada disso tem valor
Se, em seu coração,
Eu não for gigante,
Se eu não for seu amor.

Deixe de besteira,
Venha se encontrar comigo,
E eu serei sua
Pela vida inteira.





APRESENTAMOS

O COLOSSO DO MADEIRA POR ANA ALVES

Ana Alves (pseudônimo de Ana Maria Alves da Silva) é Administradora, Gastrônoma e professora de ensino profissionalizante, com sólida trajetória na área de Gestão e Negócios. Atualmente, expande sua atuação como estudante de Produção Audiovisual, consolidando-se como escritora voltada à literatura infantil e juvenil. Une o rigor técnico de sua formação à narrativa regional, desenvolvendo projetos culturais como a "Turminha do Mentuí", que valorizam o patrimônio amazônico. É empreendedora em Porto Velho - RO, à frente da cafeteria Flor de Hortelã.

O céu de Porto Velho não ameaçava; ele sentenciava. Quando o primeiro trovão estalou sobre o pátio da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, a umidade não trouxe apenas o alívio do calor, mas o despertar daquilo que a cidade tentou esquecer. Entre as engrenagens devoradas pela oxidação, um rangido feral ecoou. Não era o som de uma máquina parando, mas de um organismo de aço e sangue antigo se erguendo. A Maria Fumaça, submersa em décadas de silêncio e musgos, forçou suas rodas contra os trilhos mortos. O gigante estava com fome de caminho, e a ferrugem em suas juntas era a prova de que o tempo, embora implacável, não havia sido capaz de matá-lo.

O vapor não era mais água aquecida; era o hálito de eras acumuladas, expelido por válvulas que gemiam como tendões rompidos. A caldeira, um estômago de trevas, latejava com uma chama invisível que consumia as sombras ao redor. Cada centímetro da carcaça de ferro, outrora orgulho da engenharia, agora se comportava como músculo atrofiado sendo forçado ao movimento. O Colosso do Madeira não apenas se movia; ele rasgava o véu da estagnação.

As rodas de aço, cegas pela falta de trilhos onde o asfalto moderno havia soterrado o passado, cravaram-se na terra com uma violência ancestral. O solo de Porto Velho tremeu sob o peso de toneladas de memória. A vegetação que o envolvia — lianas, musgos e parasitas — estalava sob a pressão, fundindo-se ao metal em uma simbiose grotesca. O gigante estava de pé, e sua silhueta negra contra os clarões dos raios era a prova de que a Amazônia não aceita lápides, apenas ciclos.

O monstro estancou. Suas engrenagens, que ainda guardavam o ritmo das batidas dos martelos de 1912, travaram diante da paisagem estéril. Onde estava o abraço asfixiante da mata? Onde estavam os cânticos dos povos que viam na floresta um templo, e não um recurso? Seus sensores de ferro sentiam o vácuo. O ar não trazia mais o oxigênio denso e úmido das copas seculares, mas um bafo seco, impregnado de fumaça química e do ruído incessante de motores menores e covardes.

A confusão transformou-se em fúria. O gigante sentiu-se traído. As torres de concreto que agora arranhavam o céu pareciam lanças cravadas no peito da terra que ele

um dia ajudou a desbravar. "O que houve?", o pensamento vibrou em sua caldeira como um trovão contido.

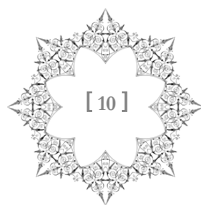
Ele rugiu. Não foi um apito de partida; foi um lamento de guerra que estilhaçou os vidros dos prédios ao redor. O Colosso avançou. Suas rodas imensas, ignorando as calçadas e o asfalto, começaram a moer o que encontravam. Carros foram reduzidos a latas amassadas sob o peso de sua incompreensão; postes de iluminação foram arrancados como se fossem gravetos secos. O povo de Porto Velho, paralisado pelo terror, via a história ganhar pernas de aço e olhos de brasa. Gritos se misturavam ao som do metal retorcido. Para a multidão, era um monstro; para o Colosso, ele era o único sobrevivente de um massacre que ninguém ousava nomear.

Ao chegar à margem, o metal estava em brasa, mas o que encontrou não foi o batismo, foi o deserto. Ele buscou o som ensurdecido das cachoeiras, aquele rugido líquido que um dia competiu com o seu próprio vapor, mas o silêncio das águas presas pelas usinas o atingiu como um golpe de martelo. Onde estavam os saltos das águas de Santo Antônio e Teotônio? Onde estava a vida que pulsava em saltos rosados sobre a superfície?

Seus olhos de brasa vasculharam o horizonte e viram apenas o concreto das barragens, muralhas que domesticaram o gigante maior que ele. O rio, antes um monstro indomável, agora parecia ácido, uma correnteza cansada e cinzenta, ferida por dragas que reviravam suas entranhas em busca de brilhos efêmeros. "Seco", pensou o Colosso, sentindo a própria caldeira esfriar diante de um mundo que trocou a alma pelo lucro. Não havia botos, não havia cantos; havia apenas o resíduo do que o homem chamou de desenvolvimento.

Sem rumo, sem povo e sem floresta, o gigante percebeu que era o último fantasma de um mundo que não tinha mais lugar para ele. Com um último suspiro de vapor que soou como um adeus, ele se lançou nas águas barrentas do Madeira. Não foi um mergulho de triunfo, mas uma entrega às profundezas. O Colosso desapareceu sob a lama, deixando apenas um redemoinho de óleo e saudade. Dizem que, nas noites de tempestade, o rio

ainda ruge — não pela água que corre, mas pelo ferro que caminha, lá embaixo, em busca de uma Amazônia que o tempo não soube proteger.



A movie poster for 'Fé em Soneto'. The top half features two massive, muscular, and hairy creatures with intense, screaming expressions. They are set against a background of a city in flames, with smoke and fire rising. In the upper right, a jet flies through the sky, leaving a trail of fire. The bottom half of the poster shows a chaotic scene of people running through a city street littered with rubble and burning cars. The overall color palette is dominated by oranges, yellows, and greys, creating a sense of destruction and urgency.

APRESENTAMOS

FÉ EM SONETO POR ISABEL BOEIRA

Isabel Boeira é professora e escritora brasileira. Formou-se em Letras pela Unisinos (Brasil) e possui mestrado em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora (Portugal). Isabel publica textos no Brasil e nos Estados Unidos, dedicando-se à escrita de poesias, contos, romances e livros infantojuvenis.

Antiga cidade de Gate
Berço de gigantes temidos,
De lá saiu meu inimigo
Para sangrar-me as vestes em escarlata.

Achou-me ainda pequeno,
Reduzido em estatura e coragem.
Como um deus, pensou estar em vantagem
Contra mim, frágil e terreno.

O gigante sabia que eu era menor,
Ele também sabia que eu cria em um Deus
Infinitamente maior.

Em minha mão, tomei a pedra da fé,
Lancei-a contra o gigante de Gate.
Ele caiu em derrota; eu permaneci em pé.





APRESENTAMOS

GIGANTES DO MAL POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Estão se digladiando...
E quando se cansam
procuram se energizar
às custas dos pequenos.

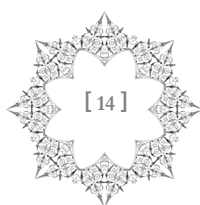
E recomeçam... num
cíclico destruir... guerras
intermitentes... um odiar
que a um fim, não se chega.

São grandes... gigantes...
que na insatisfação e
prepotência, se nutrem...
Dissonantes do amor...

da solidariedade... da
compaixão... da possível
irmandade... que não é só
sonho... mas de muitos

a esperança... E as sementes
plantadas... ainda em
solo árido... a não vingarem...
muita chuva e luz a faltar.

E de tempestades de fumaça,
o cinzento horizonte...
De agressões monstruosas
que não permitem findar.





APRESENTAMOS

KING KONG POR SELMA LUANNY

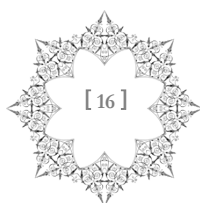
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Que gigante fabuloso!
o sonho de alguém
- criador - só fantasia?
Assustou muito - menos a ela.

O amor a ultrapassar
fronteiras e diferenças
quando o coração mais
que tudo, parece unir.

Mas por que amor
quando podia, ao invés
de enfrentar a morte
para a liberdade se lançar?

E ainda Godzilla? Não
o ofuscou... não poderia.
Nas nossas mentes e corações
Você, um marco maior.





APRESENTAMOS

A FORMIGA E O ELEFANTE POR SOPHIÉN

Sonia Maria Martins é escritora brasileira de Minas Gerais. Dedicar-se à poesia e à prosa reflexiva, explorando temas como maturidade, espiritualidade e relações humanas. É autora do projeto literário Mais Eu - Um relato sobre a maturidade feminina, no qual compartilha experiências e reflexões sobre o processo de autoconhecimento e transformação ao longo da vida.

Dizem que o gigante
é sempre o outro.

O grande.

O forte.

O que impõe sombra
antes mesmo de chegar.

Chamam de elefante
tudo aquilo
que parece impossível de mover.

E a formiga?

Ah... a formiga
mal é vista.

Pequena,
quase invisível,
carrega o mundo
sem que o mundo perceba.

Mas há um detalhe
que ninguém conta:

o elefante não cai
pelo peso que tem —
cai pelo que não vê.

E a formiga...

a formiga não enfrenta o gigante
com força.

Ela entra.

Ocupa o espaço ignorado,

o ponto esquecido,
o lugar onde o gigante
nunca pensou olhar.

E ali —
no invisível —
tudo muda.

Porque não é o tamanho
que define a queda,

é a consciência
do ponto exato.

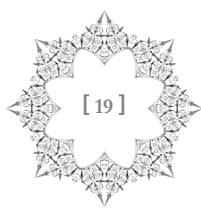
Eu já fui elefante.

Pesado de certezas,
cego de mim.

Hoje, aprendo com a formiga:
não é preciso ser grande
para transformar.

Basta enxergar
onde ninguém olha —

inclusive
dentro de si.





APRESENTAMOS

O ESCÂNDALO — NA ERA DOS GIGANTES POR SOPHIÉN

Sonia Maria Martins é escritora brasileira de Minas Gerais. Dedicar-se à poesia e à prosa reflexiva, explorando temas como maturidade, espiritualidade e relações humanas. É autora do projeto literário Mais Eu - Um relato sobre a maturidade feminina, no qual compartilha experiências e reflexões sobre o processo de autoconhecimento e transformação ao longo da vida.

Vivemos na era dos gigantes.

Mas não são feitos de código,
nem de máquinas.

Nascem do homem —
quando encontram alcance.

A rede conecta.
Expande.

Mas não inventa —
revela.

E o que nela se revela
ganha proporção.

Porque o homem
é agente do que constrói
e do que destrói.

E, quando o erro encontra a rede,
ele cresce.

Assim nasce o gigante.

O escândalo.

Do grego,
skándalon:
pedra de tropeço,
armadilha no caminho.

E, como já disseram antes —

“No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho.”

Não uma,
mas muitas.

Na extensão da rede,
as pedras se multiplicam.

Lançadas por mãos invisíveis,
sem consciência
de que caminham
na mesma estrada.

“O homem é o lobo do homem”,
disseram.

Porque aqui,
o ataque não precisa de força —
basta intenção.

Um clique.
Uma palavra
que nunca mais se desfaz.

E o escândalo cresce —
um gigante dentro da rede.

Amplifica-se
na sua extensão.

Mas há algo
que muitos não veem:

quem causa o tropeço
também cai.

O erro não termina no outro.

Ele ecoa,
permanece
na consciência que não dorme.

E o mais grave —

o escândalo não cai sozinho.

Arrasta.

Leva o outro também a errar.

E assim,
o gigante se alimenta —

não da rede,
mas do que o homem
cultiva dentro de si.

E ainda assim,
há escolha.

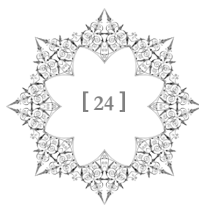
Entre lançar a pedra
ou construir o caminho.

Entre ser armadilha
ou ser ponte.

Ai daquele
que se faz causa
da queda do outro.

Mas bem-aventurado
aquele que desperta
antes de cair.

Porque nenhum gigante resiste
à consciência
de quem decide
não mais ferir.





APRESENTAMOS

O NÓS — UM GIGANTE INVISÍVEL POR SOPHIÉN

Sonia Maria Martins é escritora brasileira de Minas Gerais. Dedicar-se à poesia e à prosa reflexiva, explorando temas como maturidade, espiritualidade e relações humanas. É autora do projeto literário Mais Eu - Um relato sobre a maturidade feminina, no qual compartilha experiências e reflexões sobre o processo de autoconhecimento e transformação ao longo da vida.

Vivemos na era dos gigantes.

Mas nem todos se veem.

Alguns não ocupam espaço,
não fazem ruído,
não aparecem nas telas —
e ainda assim,
sustentam o mundo.

O “nós” é um deles.

Não é apenas dois.

É campo,
é origem,
é o primeiro lugar
onde a vida aprende a existir.

Ali,
entre escolhas diárias,
silêncios e gestos,
forma-se algo maior
do que os próprios corpos.

Um gigante invisível.

Mas nem sempre consciente.

Quando o “nós” se perde,
não se rompe apenas um vínculo —
desorganiza-se um universo.

A mulher sobrecarregada,
o homem ausente ou controlador,
o equilíbrio que não se sustenta.

E, no meio disso,
nossos filhos.

Não espectadores —
herdeiros.

Eles veem.
Eles sentem.
Eles aprendem.

O que se vive
dentro de um lar
não termina ali.

Ecoa.

Uma família desajustada
não se limita a si —
alcança gerações,
alcança a sociedade,
alcança o mundo.

Porque o “nós”
nunca é pequeno.

Ele é dimensão.

Mas também há outro caminho.

Quando o homem compreende,
quando a mulher é respeitada,
quando ambos escolhem construir —

o “nós” se eleva.

Deixa de ser peso
e torna-se propósito.

Divide responsabilidades,
soma presenças,
cria base,
forma consciência.

E, nesse espaço,
algo raro acontece:

gera-se felicidade.

Não a passageira,
mas aquela que sustenta,
que educa,
que atravessa o tempo.

Porque nossos filhos
não herdam palavras —
herdam o que vivemos.

E o que vivemos juntos
se torna o mundo
que eles irão construir.

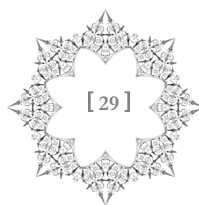
O “nós”
não é apenas encontro.

É origem.

E, quando consciente,
é um gigante
capaz de transformar
tudo o que toca.

Porque, no princípio de tudo —
e no destino de tudo —

o universo
é amor.



The background of the entire page is a movie poster for 'Entre Ir ou Ficar'. It depicts a city in a state of total chaos and destruction. Two massive, grotesque monsters are the central focus, towering over the city. The monster on the left has long, wild hair and a beard, while the one on the right is bald and more muscular. They both have menacing, screaming expressions. The city below is filled with fire, smoke, and falling debris. Several cars and a bus are visible, some of which appear to be crushed or on fire. In the foreground, a group of people is running away from the viewer, looking back in terror at the approaching monsters. The sky is dark and filled with smoke, with a few aircraft visible in the distance. The overall color palette is dominated by oranges, yellows, and greys, creating a sense of intense heat and danger.

APRESENTAMOS

ENTRE IR OU FICAR POR SOPHIÉN

Sonia Maria Martins é escritora brasileira de Minas Gerais. Dedicar-se à poesia e à prosa reflexiva, explorando temas como maturidade, espiritualidade e relações humanas. É autora do projeto literário Mais Eu - Um relato sobre a maturidade feminina, no qual compartilha experiências e reflexões sobre o processo de autoconhecimento e transformação ao longo da vida.

A caminhada foi longa.

Houve dias
em que tudo parecia
uma floresta encantada:

céu de brigadeiro,
relva verde,
árvores frondosas,
flores de todas as cores
e tamanhos —

e, ao longe,
um rio de águas cristalinas
seguindo seu curso,
calmamente.

Mas outros dias
o tempo mudava.

Vieram os ventos,
balançando as árvores
ora para um lado,
ora para o outro.

O céu se cobriu de nuvens.

E vieram as chuvas.

Primeiro silenciosas,
de mansinho.

Depois, torrenciais.

Vieram os raios,
os trovões,
estremecendo
tudo aquilo
que um dia
parecia rocha.

O medo foi tomando conta de mim,
dia após dia.

Mil e uma imagens
surgiam na minha mente.

E o medo crescia.

Paralisou minhas pernas,
subiu pelo corpo,
atingiu os braços,
o tronco.

O coração disparava.
A respiração, ofegante.

E fui perdendo o controle.

O pânico se instalou.

Interrompeu a caminhada.

Os tempos ficaram difíceis.

A bússola perdeu o norte.

Já não sabia
para onde ir
ou onde ficar.

O corpo pesou.

Foi preciso soltar as cargas.

A pressão era imensa.

Não havia mais como adiar.

A tormenta se aproximava —
rompendo o céu
cada vez mais.

E, então, um raio
cortou o último fio
que restava.

A energia cessou.

Foi nesse instante,
num suspiro,

que decidi:

ir.

Saltei —

e, no meio da queda,
voltei
para mim.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO
CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI



FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
[WWW.YOUTUBE.COM/
CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:**

CLIQUE AQUI